

Algumas noções básicas de lingüística: os níveis descritivos da linguagem

A língua pode ser estudada sob diferentes perspectivas (descritiva, social, cognitiva, etc.). Cada língua pode ser estudada como um sistema fechado, ou seja, focando o conjunto da sua gramática e de seu léxico, assim como podemos achá-los nas descrições gramaticais e nos dicionários, ou pode ser analisada em seu uso concreto, que é em boa medida diferente, mais complexo e dependente de muitas variáveis não estritamente lingüísticas.

Geralmente o estudo descritivo da linguagem é dividido em vários níveis. Aqueles tradicionalmente tidos como os principais são: o nível fonético-fonológico, o nível morfológico, o nível sintático. Esses três níveis constituem a gramática de uma língua. A esses níveis deve-se acrescentar o léxico, ou seja, o conjunto das palavras que compõem uma língua e que são usadas respeitando as regras da gramática. O estudo dos significados das palavras e das frases (ou dos enunciados) é objeto da semântica e da pragmática, dependendo se o foco está no estudo do significado puramente lingüístico ou da língua inserida em seu uso concreto.

Langue e Parole

O fundador da lingüística geral, o suíço Ferdinand de Saussure, distingue entre *langue*, a língua como sistema abstrato, mental e social, e *parole*, a língua como conjunto de elementos concretos realizados pelos indivíduos. A *langue* lida com a competência mental do sistema linguístico que os falantes compartilham entre eles. É o fato que uma determinada comunidade compartilha a competência de um código (ou seja, de uma *langue*) que faz com que os indivíduos daquela comunidade se entendam.

A *langue* é, portanto, um sistema estruturado e em equilíbrio, que sofre lentas mudanças, mas que antes de tudo fica estável. Se assim não fosse a gente não poderia se entender. Por outro lado, as realizações concretas da língua, como a pronúncia de um som, de uma palavra ou de uma frase, pertencem à *parole*. Elas são manifestações concretas percebíveis através dos sentidos (o ouvido percebe a fala e a vista percebe a escrita) e mensuráveis como realizações físicas. São os indivíduos enquanto pessoas concretas que realizam os atos de *parole*. Quando a gente troca uma interação, se trata sempre de indivíduos concretos, que falam (ou escrevem) elementos concretos da língua. É importante manter distintos os níveis do sistema abstrato e estruturado (*langue*) e da realização concreta da língua como comunicação, por muitas razões que veremos.

Fonética e Fonologia

Começamos aqui por uma explicação básica do primeiro nível descritivo, aquele fonético-fonológico. Olhamos logo para a diferença entre a fonética e a fonologia. A fonética é a disciplina que estuda os sons humanos assim como eles se manifestam concretamente, ou seja como são concretamente executados pelo aparato fonatório humano ou recebidos pelo aparato acústico humano. Eles podem também ser medidos por equipamentos apropriados. Os sons, quando indicados foneticamente, são representados segundo o alfabeto fonético entre colchetes; portanto a transcrição fonética das palavras *casa* e *vasa* é [ˈkaza] e [ˈvaza]. O símbolo ˈ indica que a sílaba seguinte possui acento. A fonologia é a disciplina que estuda os sons como são representados mentalmente e como eles se agrupam pela capacidade de atribuir distinções de significado às palavras. Por exemplo, em português *chocar* e *tocar* foneticamente são representados

como [çɔ'kar] e [to'kar]: ou seja, o primeiro som de *chocar* (que na escrita é representado com dois símbolos gráficos, *ch*) corresponde ao que no alfabeto fonético é representado por [ç]; ao contrário o primeiro som de *tocar*, que tem a mesma representação tanto no nosso alfabeto gráfico quanto no alfabeto fonético, é [t]. O acento, na representação fonética é colocado antes da sílaba ao qual se refere. Portanto, podemos dizer que as duas palavras [çɔkar] e [tokar] se distinguem unicamente por um som. Elas constituem um par mínimo, ou seja um par de palavras diferentes que têm tudo em comum menos um único som. E esse som é suficiente para distinguir o significado delas. Isso significa que esses sons têm uma representação mental diferente e que a seqüência de sons é por isso fonologicamente relevante. Quando queremos dar a representação fonológica colocamos os sons entre barras oblíquas: /çɔ'kar/ e /to'kar/.

A situação muda se comparamos em português os sons [t] e [tç]. O primeiro é o som inicial de *teto*; o segundo o som inicial de *tchau*. Em português, com a exceção dessa palavra de origem estrangeira (e grafada com 3 símbolos gráficos, *tch*), o som [tç] não distingue significados. Tanto que a mesma palavra, por exemplo *tia*, é pronunciada como [ˈtia] em algumas partes do Brasil e como [ˈtçia] em outras partes. Mas ninguém pensa que as duas formas possam ter significados diferentes. Isso significa que a representação mental de [t] e [tç] é, em português, geralmente a mesma. Acusticamente percebemos a diferença entre eles, mas é uma diferença que não muda o significado. Ao contrário, a diferença entre [p] e [b], que acusticamente é bem menor daquela entre [t] e [tç], é mentalmente uma diferença mais significativa, tanto que [piko] e [biko], [pasta] e [basta] são palavras diferentes somente porque no lugar de um [p] há um [b].

O objeto da fonética são os *fonos*. Um fone é um som concreto. O objeto da fonologia é o *fonema*, ou seja, uma representação mental de um som que é capaz de distinguir significados. A fonologia estuda, por assim

dizer, a dimensão cognitiva do som. De fato, apesar de todos os seres humanos terem as mesmas potencialidades fisiológicas para produzir e escutar sons, sabemos que um brasileiro, um italiano ou um chinês não conseguem com a mesma facilidade produzir todos os sons nem decodificá-los quando os escutam. O que acontece é que tanto o aparato fonatório quanto o aparato acústico são de fato comandados pela nossa cognição; e essa cognição é de fato “moldada” a partir do nosso nascimento de diferentes maneiras em diferentes lugares. A cognição de um brasileiro é moldada diferentemente daquela, por exemplo, de um chinês. Assim, a cognição brasileira é moldada para diferenciar claramente os sons [r] e [l], enquanto aquela de um chinês não. A cognição de um italiano é moldada para diferenciar claramente as consoantes intensas das simples, e para diferenciar assim o significado da palavra /palla/ (bola) daquele da palavra /pala/ (pá), enquanto um estrangeiro geralmente não consegue nem perceber acusticamente nem executar foneticamente essa diferença. Portanto, se todos os sons são em princípio igualmente produzíveis e recebíveis para o aparato fonatório e acústico de todos os seres humanos (trata-se portanto de uma capacidade da espécie), não todos são de fato realizados e percebidos com a mesma facilidade. Os falantes de uma língua produzem com maior facilidade certos sons do que outros e percebem mais facilmente certas diferenças de sons do que outras. Um brasileiro, por exemplo, não tem dificuldade em perceber a diferença entre /pãu/ e /pau/ mas para um estrangeiro essas duas seqüências podem parecer iguais, exatamente como para um brasileiro podem parecer iguais as seqüências italianas /kasa/ (casa) e /kassa/ (caixa) ou as seqüências inglesas /tin/ (lata) e /θin/ (magro, fino). A percepção obviamente se reflete na realização: o que é difícil de ser percebido é também difícil de ser realizado. Isso depende do fato que os *fonemas* são “decididos” de maneira diferente em cada língua. Um som que é fonema em uma língua pode não ser fonema em

outra língua. Assim, enquanto o português considera os sons [t] e [tç] (o som inicial nas duas pronúncias de *tia*) como duas realizações possíveis do mesmo fonema, o italiano considera esses dois sons como dois fonemas diferentes, e diferencia os pares mínimos /tindʒere/ (*tingere* segundo a grafia normal, ou seja *tingir*) e /tçindʒere/ (*cingere* segundo a grafia, ou seja *cercar*). Enquanto em português ou em italiano, substituindo o som [t] com o som [θ] não muda o significado em nenhuma palavra, e no máximo podemos achar esquisita a pronúncia da pessoa, em inglês essa substituição tem o poder de mudar o significado de várias palavras.

Em conclusão, se os fones que o ser humano pode produzir são infinitos, os fonemas de cada língua são limitados: por volta de 30 em boa parte das línguas. E os fonemas são decididos autonomamente em cada comunidade de falantes, ou seja em cada língua. Enquanto o português diferencia como fonemas /ã/ e /a/, e, em geral, as vogais nasais das vogais orais, o italiano percebe esses sons como diferentes realizações do mesmo fonema. Ao contrário, enquanto o italiano percebe como diferentes fonemas /t/ e tç/, o português não atribui a esses sons o poder de diferenciar significados. Essa é uma das razões que torna difícil aprender uma língua estrangeira quando o cérebro de um falante está já moldado e portanto acostumado a agrupar cognitivamente os fones em fonemas. As distinções que são importante na língua que queremos aprender mas que não são importantes na língua que falamos são as distinções mais difíceis. Assim, é fácil ouvir um brasileiro ou um italiano que pronunciam a palavra *think* do inglês como se fosse *tink* ou *sink*. Isso porque tanto o português quanto o italiano possuem os fonemas /t/ e /s/ mas não possuem o fonema /θ/ do inglês.

Contudo, nós não pronunciamos o mesmo fonema usando sempre o mesmo fone. Isso pode depender de vários fatores. Entre os mais importantes tem o fator diatópico, ou seja geográfico, e o fator contextual,

ou seja o contexto criado pelo som imediatamente antes e imediatamente depois daquele que queremos pronunciar. Se em Belo Horizonte se pronuncia [tçia] em outros lugares do Brasil se pronuncia [tia]. Essa é uma diferença diatópica, ou seja geográfica. Um outro exemplo é a pronuncia do *s* final no Rio, que é realizada como se fosse um ç, muito parecido ou até igual ao primeiro som da palavra *chocar* /çokar/. Portanto, em *chocar* o som ç é um fonema (tanto que substituindo-o com *t* mudamos o significado); mas na pronuncia carioca de *amigos*, que é mais ou menos [amiguç], o ç final é apenas uma realização diferente do fonema /s/. Podemos dizer que quando dois fones servem para realizar o mesmo fonema são *alofones*. O [ç] final do Rio é portanto um alofone de /s/, assim como o [tç] mineiro um alofone de /t/.

O fator contextual também é muito importante. Por exemplo, o fonema /s/ é pronunciado /ç/ no Rio somente em algumas posições e quando vem antes de alguns outros sons: basicamente em posição final e antes de consoante. Analogamente o fonema /t/ é pronunciado /tç/ em Belo Horizonte somente quando o som que vem depois é /i/ ou /e/. Essas duas vogais são chamadas de vogais palatais, porque são pronunciadas mais na frente e colocando a língua perto do palato. Ao contrário as vogais /o/ e /u/ são chamadas de velares, porque são pronunciadas mais atrás no aparato fonatório e levando a língua perto do veu palatino. Assim, na frente de vogais palatais o fonema /t/ pode ser realizado com um som palatal, como é o som [tç], que se pronuncia colocando a língua em contato com o palato. Isso significa que o som [t] em palavras como *tia*, *forte*, *arte*, *tirar*, *etc.* Pega uma característica do som que vem depois. Isso chama-se assimilação. Nesse caso é uma assimilação regressiva, porque o som que vem depois gera um efeito no som que vem antes. Se fosse o contrário seria uma assimilação progressiva.

Morfologia

Como na fonética e na fonologia podemos analisar os fones, que são realizações concretas, e os fonemas, que são representações mentais e distinguem significados, assim na morfologia podemos distinguir entre os morfes, que são realizações concretas, e os morfemas, que são as menores unidades de significado. Portanto objeto de estudo da morfologia são os morfemas, as menores unidades de significado da língua, e os morfes, que são as formas com que esses significados se realizam.

Olhamos para alguns exemplos: em português uma palavra como *meninos* pode ser segmentada em 3 morfes, cada um dos quais carrega um significado: {menin} carrega o significado lexical; {o} carrega o significado de gênero masculino; {s} carrega o significado de número plural. Nesse caso cada forma, ou seja cada morfe, carrega um único significado. Mas em línguas como o português, e em geral as línguas indo-européias (chamadas de flexivas ou fusivas) isso não é o caso mais comum. O mais comum é que tenhamos mais de um significado, ou seja mais de um morfema, para um morfe. Um exemplo fácil disso é dado comparando a palavras *meninos* do português com o equivalente do italiano *bambini*. No caso do italiano temos o morfe que carrega o morfema lexical {bambin} seguido por um único morfe que carrega dois morfemas. De fato a forma {i} nesse caso vale tanto para o significado de gênero {masculino} quanto para o significado de número {plural}. O plural feminino seria *bambine*. Em português isso é evidente na morfologia do verbo. Se olhamos para a forma do imperfeito do verbo *amar*, ou seja a forma (*eu*) *amava*, notamos que podemos segmentá-la em {am}, morfema lexical como em *amor*, *amante*, *amigo*, etc., seguida por {av}, que carrega alguns significados, e {a} que carrega outros significados. {av} carrega pelo menos o significado

de modo indicativo (assim *amava* se contrapõe por exemplo a *amaria*), o significado de tempo passado (assim *amava* se contrapõe por exemplo a *amo* ou *amarei*), o significado de aspecto verbal (assim *amava* se contrapõe por exemplo a *amei*, que também é passado mas tem outro significado daquele de *amava*). A forma {a} carrega o morfema de primeira pessoa (em contraposição a *amavas*, etc.) e carrega o significado de número singular (em contraposição a *amavamos*). Um exemplo extremo é o caso da palavra *é*, do verbo *ser*. Em *é*, com um único fonema, e portanto um único morfe, nós indicamos uma série de morfemas, ou seja de significados, entre os quais pelo menos os seguintes: morfema lexical, morfema de modo, morfema de aspecto, morfema de tempo, morfema de terceira pessoa, morfema de número singular.

Portanto é importante distinguir a noção de morfema (o significado abstracto que é carregado por uma forma) e a noção de morfe, a forma segmentável de uma palavra que carrega um ou mais significados. Mas acontece também o contrário, ou seja que um mesmo morfema, um mesmo significado, pode ser representado com mais de uma forma. Em português isso é muito evidente no significado {plural}. Nós não podemos dizer que o morfe do plural é sempre {s}, porque o plural de *mar* é *mares*, o plural de *caracol* é *caracois*, o plural de *caminhão* é *caminhões*. Tanto {s}, quanto {es}, quanto {is}, quanto {ões} e mais formas ainda são morfemas do mesmo morfema {plural}. Quando vários morfemas são realizações concretas do mesmo morfema, são chamados de *alomorfes*.

A morfologia se divide em morfologia gramatical e morfologia derivacional. Todos os exemplos acima são de morfologia gramatical. A morfologia gramatical serve para fornecer significados gramaticais do mesmo lexema, ou seja do mesmo significado de lexical da palavra. Por exemplo *menina* e *menino* são duas formas gramaticais do mesmo lexema. A única distinção é no gênero. Assim todas as formas do verbo *amar* (*amo*,

amamos, amei, tenho amado, amaria, etc.) são formas diferentes do mesmo lexema. Ao contrário, a morfologia derivacional serve para formar palavras, lexemas novos a partir de um lexema que serve como base. Por exemplo, não podemos dizer que *comum*, que é um adjetivo, e *comunidade*, que é um nome, são o mesmo lexema. O segundo, contudo, é derivado do primeiro através de um processo de sufixação, ou seja colocando no final um morfema (-idade) que tem a capacidade de fazer com que um adjetivo vire nome e se torne um lexema novo, que enriquece o vocabulário da língua. Com o tempo pode até acontecer que os falantes percam a percepção que uma palavra é derivada de uma outra. Ninguém mais percebe que *amigo* é derivado da mesma base de *amar*. A estratégia da derivação é extremamente comum nas línguas para enriquecer o vocabulário. É uma estratégia muito transparente, porque o sufixo ou o prefixo possui um significado imediatamente interpretável. Por exemplo, o contrário de *jovem* é *velho*. Nós precisamos saber o significado de ambas as palavras, porque não tem nada que nos diz que uma é o contrário da outra. Mas o contrário de *feliz* é *infeliz*. É suficiente saber o que significa *feliz* e que o prefixo *in* significa negação para entender o significado de *infeliz*. Assim sabemos automaticamente que muitas palavras que são prefixadas com *in* significam o contrário das não prefixadas.

A derivação geralmente se faz de 3 possíveis maneiras:

1. através de um afixo, ou seja colocando um morfema antes (prefixo), depois (sufixo) ou em certas línguas dentro (infixo) da raiz da palavra; um caso especial de afixação é a chamada de *parassíntese*. Na parassíntese é necessário colocar tanto um afixo antes da raiz quanto depois. Um só não é suficiente. Por exemplo, na palavra *envelhecer*, derivada de *velho*, não permite nem o verbo **velhecer* nem o adjetivo **envelho*. O prefixo e o sufixo devem portanto ser

considerados duas partes de uma mesma afixação, mesmo se as partes são posicionadas em extremos oposto da palavra.

2. através da composição. Por exemplo *terremoto* é um composto de dois nomes (*terra* e *moto*), *guardachuva* é um composto de um verbo e de um nome, etc.
3. através de um processo chamado *conversão*. Esse é um mecanismo muito comum nas línguas com morfologia muito pobre, como o inglês. Nesse mecanismo, uma mesma forma pode ser usada com funções morfológicas diferentes e ser, de fato, lexemas diferentes. Em português, por exemplo, *poder* pode ser verbo mas pode ser também nome, como na frase *o poder do ministro é muito grande*. Assim *rápido* pode ser adjetivo mas pode também ser advérbio, como em *andar rápido*. Por ex. *back* pode ser advérbio (*look back!*), preposição (*I go back home*), nome (*I have a pain in my back*), verbo (*please, back the car*), adjetivo (*the back door*); muito freqüente a conversão verbo-nome ou adjetivo (*to look* e *give a look*; *to nail* e *give me a nail*; *the good* e *a good man*; *to slow* e *a slow student*; *down the street* e *come down*; *the game is over* e *over the table* e *look over*, etc.). Se pense na palavra inglesa *round*: ela pode ser adjetivo em *a round table*, nome em *rounds of paper*, advérbio em *the earth goes round*, preposição em *to travel round the world* e verbo em *to round a figure* (arredondar uma quantia).